

# Biografia Preta

Documento Educacional para Apoio ao Professor

## Documento educacional - Mãe Stella de Oxóssi

Gerado em: 20/04/2026, 05:58:49 | Versão pipeline: 1

Com base no documento de pesquisa fornecido, segue o documento educacional sobre Mãe Stella de Oxóssi.

---

### BLOCO 1 — Quem foi Mãe Stella de Oxóssi

Mãe Stella de Oxóssi não foi apenas uma sacerdotisa. Foi uma intelectual, uma educadora e uma estrategista na luta pela dignidade do povo negro no Brasil. Nascida Maria Stella de Azevedo Santos em 1925, em Salvador, sua trajetória de 93 anos atravessou o século XX brasileiro e suas profundas contradições. Antes de se tornar uma das mais importantes Yalorixás do país, foi enfermeira de saúde pública por 30 anos, cuidando dos corpos de uma população que o Estado frequentemente negligenciava. Depois, como líder do Ilê Axé Opô Afonjá, um dos terreiros de Candomblé mais antigos e respeitados, passou a cuidar também do espírito dessa mesma população.

Sua história é um microcosmo da história afro-brasileira. Ser uma mulher negra na Bahia de 1925 significava nascer em um sistema desenhado para a sua exclusão, onde sua religião era criminalizada como "feitiçaria" e sua cultura, um alvo constante de apagamento. Em resposta, Mãe Stella não buscou apenas sobreviver; ela buscou afirmar. Sua recusa em aceitar o sincretismo religioso — a prática de associar orixás a santos católicos, uma estratégia de sobrevivência histórica — foi um ato político radical. Era uma declaração de que a cultura e a fé africanas não precisavam de validação ou disfarce para existir. Eram completas e dignas em si mesmas.

Ao fundar uma escola e uma biblioteca dentro do terreiro, ela conectou a libertação espiritual à libertação intelectual. Para Mãe Stella, o conhecimento era poder: o conhecimento dos mitos iorubás, da história de seu povo, mas também da norma culta da língua portuguesa, que ela dominava com maestria em seus livros e artigos. Ela transformou o terreiro em um polo de produção de conhecimento, invertendo a lógica do racismo que historicamente associou os espaços de Candomblé à ignorância. Ela não foi uma heroína perfeita, mas uma mulher complexa que usou as ferramentas que tinha — a fé, a palavra e o cuidado — para lutar contra um sistema que a queria em silêncio. Diante de sua trajetória, que outras formas de conhecimento, além do acadêmico tradicional, podemos reconhecer como ferramentas de resistência e construção de comunidade?

### BLOCO 2 — Contexto histórico

Mãe Stella de Oxóssi viveu entre 1925 e 2018. Seu nascimento ocorreu em um Brasil recém-saído da Primeira República, onde a população negra, embora livre da escravidão no papel, vivia sob a chaga do racismo científico e da marginalização social e econômica. Durante a Era Vargas (1930-1945), o Candomblé e outras manifestações culturais afro-brasileiras foram duramente reprimidos. Terreiros eram invadidos pela polícia, e seus líderes, presos. A fé que Mãe Stella abraçou na adolescência era, aos olhos do Estado, um crime.

A Ditadura Militar (1964-1985) intensificou essa perseguição, sob o pretexto de combater "práticas subversivas". Foi exatamente nesse período, em 1976, que Mãe Stella assumiu a liderança do Opô Afonjá. Seu terreiro se tornou não apenas um espaço de fé, mas um refúgio e um centro de resistência cultural e política. A redemocratização, a partir dos anos 1980, coincidiu com a projeção de sua voz no espaço público, lutando contra o que hoje chamamos de racismo religioso.

Globalmente, sua vida acompanhou o movimento de descolonização na África e o renascimento do orgulho cultural negro, como o Harlem Renaissance nos EUA e a independência de países como a Nigéria, que ela visitou em 1981 para se reconectar com as raízes iorubás de sua fé. Esse contexto de reafirmação global deu força à sua luta local contra a assimilação forçada e o apagamento histórico, em um país onde a violência contra os terreiros de Candomblé continua sendo uma realidade brutal até o século XXI.

## **BLOCO 3 — Contribuições em detalhe**

As contribuições de Mãe Stella de Oxóssi não se limitam ao campo religioso; elas formam um projeto coeso de afirmação da identidade e da dignidade negra.

A luta contra o sincretismo e pela pureza africana

A contribuição mais radical de Mãe Stella foi sua posição firme contra o sincretismo religioso. Em 1983, na II Conferência Mundial de Tradição dos Orixás e Cultura, ela fez seu primeiro grande pronunciamento público, que ficou conhecido como o Manifesto Antissincretismo. Em um ato de imensa coragem política e teológica, ela defendeu que o Candomblé deveria abandonar a associação dos orixás com os santos católicos. Essa prática, que nascera como uma estratégia de sobrevivência para os negros escravizados disfarçarem sua fé, era vista por ela, no século XX, como um símbolo de submissão e um obstáculo para o reconhecimento do Candomblé como uma religião autônoma e completa. Essa posição não era um mero debate teológico; era uma exigência de respeito e um chamado para que o povo de santo assumisse plenamente sua identidade africana, sem pedir licença.

Educação como ferramenta de libertação

Formada em enfermagem e saúde pública, Mãe Stella sempre entendeu o valor da educação formal. Ao assumir a liderança do Ilê Axé Opô Afonjá, uma de suas primeiras e mais duradouras iniciativas foi a criação da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos e de uma biblioteca dentro do terreiro. Seu objetivo era claro: oferecer educação de qualidade para as crianças da comunidade e incentivar os filhos de santo a buscarem o ensino superior. Para ela, o combate ao racismo passava necessariamente pelo acesso ao conhecimento. Essa iniciativa transformou o terreiro, historicamente visto pelo poder público como um lugar de "superstição", em um centro de formação cidadã e intelectual, provando que fé e saber não apenas podiam coexistir, mas eram aliados na luta por emancipação.

A intelectual e escritora

Mãe Stella de Oxóssi usou a palavra escrita como uma arma de afirmação. A partir de 1988, publicou diversos livros que se tornaram referência. Em *\*E daí aconteceu o encanto\** (1988), ela narrou a história do Opô Afonjá, resgatando a memória de suas predecessoras e consolidando a linhagem matrilinear do terreiro. Em *\*Meu tempo é agora\** (1993), escreveu um verdadeiro manual de ética e conduta para os praticantes do Candomblé, buscando sistematizar e transmitir um conhecimento que era, até então, majoritariamente oral. Em *\*Ôsosi - O caçador de alegrias\** (2006), ela se debruçou sobre os *\*itãs\** (mitos) de seu próprio orixá. Com sua escrita, ela ocupou um espaço que raramente era dado a uma mulher negra e líder religiosa: o de autora, intelectual e produtora de conhecimento reconhecido.

## **BLOCO 4 — Por que isso importa hoje**

O legado de Mãe Stella de Oxóssi é dolorosamente atual. Em 2022, uma escultura em sua homenagem em Salvador foi vandalizada e incendiada, um ato bárbaro que prova que a intolerância religiosa que ela combateu por toda a vida continua sendo uma força violenta e presente no Brasil. Sua luta, portanto, não terminou. Ela continua nos ativistas que denunciam o racismo religioso, nos acadêmicos que estudam as epistemologias de matriz africana e nos líderes de terreiros que, inspirados por seu exemplo, se recusam a baixar a cabeça.

Os debates contemporâneos sobre decolonialidade, apropriação cultural e a necessidade de se construir uma educação antirracista encontram em Mãe Stella uma pensadora fundamental. Sua defesa de uma identidade africana "pura", livre de sincretismos, ecoa nas discussões sobre a importância de se valorizar a cultura negra em seus próprios termos, sem a necessidade de validação externa. A escola que ela fundou no terreiro é um modelo prático e inspirador para todos que acreditam que a educação é o caminho para a transformação social. Carregam seu legado todos aqueles que entendem que a fé, quando aliada ao conhecimento e à consciência política, é uma força revolucionária.

##### Aplicação pedagógica:

\* Referência legal: A trajetória e o pensamento de Mãe Stella de Oxóssi são materiais riquíssimos para o cumprimento da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Trabalhar sua biografia é uma forma de abordar a história das religiões de matriz africana,

a resistência negra e a produção intelectual afro-brasileira.

\* Disciplinas:

\* História: Para estudar a resistência cultural durante a ditadura militar e a luta por direitos civis no Brasil pós-redemocratização.

\* Literatura: Para analisar seus livros como produção literária e manifestos políticos, e discutir o papel do intelectual negro.

\* Sociologia/Filosofia: Para debater conceitos como sincretismo, identidade, racismo estrutural e intolerância religiosa.

\* Artes: Para explorar a mitologia dos orixás (em especial Oxóssi) e a estética dos terreiros de Candomblé.

\* Faixa etária recomendada: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A complexidade de conceitos como sincretismo, sua crítica e o contexto político da ditadura são mais bem aproveitados por alunos com maior maturidade para debates abstratos e históricos.

\* Sugestão de atividade: Dividir a turma em dois grupos para um debate estruturado. O Grupo A deverá defender a prática do sincretismo religioso, pesquisando e apresentando argumentos sobre como essa foi uma estratégia de sobrevivência e resistência fundamental para a preservação das religiões africanas durante a escravidão e no pós-abolição. O Grupo B deverá defender a posição de Mãe Stella de Oxóssi, argumentando por que, no século XX, era necessário romper com o sincretismo para afirmar a autonomia e a dignidade do Candomblé. A atividade não busca um "vencedor", mas sim fazer os alunos compreenderem a complexidade e a historicidade das estratégias de luta do povo negro.

\* Pergunta geradora: Em uma sociedade que sistematicamente desvaloriza e criminaliza sua cultura, é mais eficaz lutar "por dentro", usando táticas de assimilação e disfarce (como o sincretismo), ou lutar "por fora", afirmando uma identidade radicalmente autônoma? Qual o preço e quais os ganhos de cada escolha?

## **BLOCO 5 — Para ir mais fundo**

### #### Livros

\* Santos, Maria Stella de Azevedo; Martins, Cléo. \*E daí aconteceu o encanto\*. Editora Axé Opô Afonjá, 1988.

\* Santos, Maria Stella de Azevedo. \*Meu tempo é agora\*. Editora Axé Opô Afonjá, 1993.

\* Santos, Maria Stella de Azevedo. \*Ôsosi - O caçador de alegrias\*. Editora Pallas, 2006.

\* Luz, M. A. \*Mãe Stella de Oxóssi: Perfil de uma liderança religiosa\*. Editora Zahar.

### #### Artigos em acesso aberto

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). "Mãe Stella de Oxóssi". \*Literafro - Portal da Literatura Afro-Brasileira\*. Disponível em: <https://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/299-mae-stella-de-oxossi>

\* Universidade do Estado da Bahia (UNEB). "Sieep - Artigo sobre Mãe Stella". \*Revistas UNEB\*. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/sieep/article/download/15752/10488>

### #### Fontes primárias

\* Universidade Federal da Bahia (UFBA). "Maria Stella de Azevedo Santos". \*Mapeamento de Terreiros de Salvador\*. Disponível em: <https://mapeamentocultural.ufba.br/historico/maria-stella-de-azevedo-santos>

## **BLOCO 6 — Notas do pesquisador**

\* Nível de confiança geral: ALTO. Os dados biográficos centrais são confirmados por múltiplas fontes primárias (universitárias, atas do terreiro) e secundárias de alta credibilidade.

\* Lacunas documentais: Existem lacunas em detalhes específicos, como os nomes exatos de seus pais e as datas precisas de sua formação e graduação em enfermagem. Essas incertezas, contudo, não afetam a compreensão geral de sua trajetória.

\* Natureza da escassez de fontes: APAGAMENTO HISTÓRICO. A ausência de Mãe Stella em acervos oficiais do governo federal (como os do IPHAN ou da Fundação Palmares), apesar de sua

imensa relevância nacional e internacional, é um sintoma da marginalização institucional de lideranças religiosas negras no Brasil. A pesquisa sobre sua vida depende fortemente de fontes universitárias e da própria comunidade do Candomblé, que atuam para contrapor esse apagamento.

\* Controvérsias historiográficas: Não foram identificadas controvérsias significativas sobre os fatos de sua vida. O debate sobre o sincretismo não é uma controvérsia sobre ela, mas sim uma posição teológica e política iniciada por ela.

\* Observações para uso pedagógico: A pequena divergência nas fontes sobre a data exata de sua posse como Yalorixá em 1976 (19 de março, segundo as atas do terreiro; 17 de junho, segundo uma fonte secundária) pode ser usada como um ponto de partida para discutir com os alunos como a história é construída. É uma oportunidade para explicar a hierarquia das fontes e por que os pesquisadores confiam mais em um documento primário, como a ata de um terreiro, para estabelecer um fato.

---

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.

Nível de confiança da pesquisa: ALTO

Data de produção: 27 de maio de 2024

Versão: 1.0

### **Mensagem da Biografia Preta**

Aprofunde sua aula com as biografias e jogos da Biografia Preta.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.

Contato: [contato@biografiapreta.com.br](mailto:contato@biografiapreta.com.br)

Links: <https://biografiapreta.com.br>